

AGRESSIVIDADE ESCOLAR

Angelita Alice Jaeger
Daniela Soares Dorneles
Marilei Soares Grigoletti
Marta de Salles Canfield
Sybelle Regina Pereira
Valmir Beltrame

RESUMO

O processo de socialização ao qual a criança passa, tem os pais, professores, companheiros e outros agentes socializadores como influenciadores no desenvolvimento de comportamentos agressivos, ou não agressivos. Os comportamentos agressivos apresentados pelas crianças no meio escolar tem sido estudado por muitos autores (Sharps & Smith, 1991; Neto e col, 1997; Evans, 1989). Buscou-se conhecer em quatro diferentes escolas, de diferentes cidades, os comportamentos agressivos presentes na escola. Para isto foram questionados 715 alunos de 1ª a 8ª série do I grau, utilizando-se uma adaptação do questionário de Olweus (1989). Pelos dados coletados considera-se que a agressão se faz presente na escola, pois somente 1/3 dos alunos disse nunca ter sido agredido, os demais sofreram agressões. Nos menores predomina a agressão física enquanto que nos maiores, é a oral. O recreio e a sala de aula são os locais onde estes comportamentos se manifestam, partindo de colegas da mesma turma, mais velhos e do mesmo sexo, sendo a maioria dos agressores meninos. Há interferência dos professores e colegas quando tal acontece. Há, também, o hábito de contarem em casa o fato. É responsabilidade da escola interferir, procurando minimizar este quadro, encontrando estratégias de reduzir a vitimização.

Unitermos - Agressividade

ABSTRACT

BULLYING IN SCHOOL

The process of socialization that the child goes through, have the parents, teachers and others social agents as influence in the development of the bullying in

scholl . The bullying behaviour showed by the children in the school as been investigated by several authors (Sharps & Smith, 1991; Neto e col., 1997; Evans, 1989). The bullying behaviour showed at the four different schools at diferents cities was investigated. Were assigned to answer a questionnaire adapted from Olweus (1989) 715 students from first to eight grade of the primary school. The data shows that the bullying behaviour is present at school, were only 1/3 of the students said never been victim of aggression. All the others have been victim of aggression. The kind of aggression sufered by the youngers is physical and by he olders is through words. The playground and the classroom are the places were those behaviours are manifested. The aggressive behaviour takes place among classmates, from the olders and the same sex, mainly boys. There are interference of teachers and classmates when that behaviour occur. The habit to comment about it at home was also reported. Is the school responsibility to interfere, in order to minimize this facts and to find strategies to reduce the bullying.

Uniterms - Bullying school

INTRODUÇÃO

A agressão existe no ambiente escolar, não podemos simplesmente ignorá-la. Segundo Zagury (1995) já foram consideradas as preponderâncias dos fatores genéticos e do meio, sendo o conjunto destes fatores que faz com que uma criança seja agressiva ou não. As crianças que crescem em um ambiente hostil, possuem maior probabilidade de desenvolver a agressividade (Barros,1988). As crianças criadas num meio ambiente de muito afeto, têm a tendência de serem menos agressivas. O comportamento agressivo está ligado a estímulos. E como todos os outros comportamentos básicos, é muito influenciado pela experiência, fatores químicos na corrente sanguínea (Singer,1975) e a alimentação (White,1990).

As crianças aprendem por imitação e durante as interações sociais, um indivíduo pode modificar seu comportamento, como resultado do modo como as outras pessoas do grupo estão reagindo.

Para Arendt (1994) os homens podem ser manipulados por meio da coesão física, da fatura e da fome, mas não por meios de comunicação. Já, para outros autores, como Strayer (1993) a televisão, depois de algum tempo parece controlar a pessoa. Os modelos que antes eram quase que exclusivamente os pais e membros mais íntimos da família, passam a ser fornecidos amplamente pela comunicação de massa (Biaggio, apud Barros, 1988).

O processo de reconhecer valores e expectativas grupais e aumentar a capacidade do indivíduo para conformar-se a eles, é o que se pode chamar de sociabilização. É o próprio desenvolvimento do relacionamento e integração de uma pessoa com outras, especialmente os pais, pares e grupos (Pikunas,1981).

Os pais, professores, companheiros e outros agentes socializadores influenciam o desenvolvimento de comportamentos (agressivos e não agressivos) através das recompensas que dispensam e, mais diretamente, através dos padrões de comportamento que servem de modelo às crianças. Elas adquirem grande parte do seu repertório de comportamentos pela imitação de outras pessoas, assim, como por instruções direta, modelagem e reforço.

No seu desenvolvimento a criança passa por vários processos de sociabilização, onde é submetida a fatores socialmente determinados por um grupo, capazes de influir na conduta da pessoa dentro deste grupo, habilitando-o para tornar-se um ser social. Estes processos de socialização normalmente possuem uma tendência à uniformidade de comportamento entre os membros de uma mesma sociedade, podendo gerar falhas e distorções na socialização. E o resultado disso é o aparecimento de uma pessoa pouco adaptada à sociedade em que vive.

A escola representa um contexto peculiar, de convivência de grupos, que no decorrer desta convivência poderão vir a surgir “regras”, algumas explicitadas e outras não, que influenciem nos comportamentos de seus pares. Enquanto educadores, é necessário que primemos pelo processo de construção de nossos alunos, valorizando as relações inter-pessoais que se estabelecem na escola.

Fundamentação Teórica

Feshbach (apud Carmichael,1978) comenta que a justificativa para o estudo da agressão na criança não precisa se basear em suas manifestações nos adultos. Comportamentos agressivos podem ser prontamente observados nas interações sociais das crianças com seus pais, companheiros e outros adultos.

Para Morais (1995) violências não são apenas agressões físicas, as violências sutis têm logrado passar indiscutidas, exatamente por faltar-lhes o impacto da brutalidade sangrenta. Para o autor existe dois tipos de violência: a violência branca (sutil) e a violência vermelha (brutal). Ele ainda diz que nos preocupamos mais com as primeiras por elas se esconderem nas próprias estruturas da “ordem social e política”. Os autoritarismos estão na raiz de toda a violência que venha ocorrer em campo educacional e se caracteriza sempre por uma fundamental indisposição ao diálogo. Olweus (apud Rubin & Pepler,1989) e Sharps & Smith (1991) identificam a violência como uma subcategoria do comportamento agressivo sempre que numa

determinada relação se verifica uma desigualdade de poder e quando os atos agressivos se perpetuam no tempo. Qualquer forma direta física (bater, esmurrar, danificar), verbal (chamar nomes, berrar) ou indireta (lançar rumores, humilhar, excluir com base na cor, raça, etc...) que vise magoar, oprimir ou intimidar alguém causando o seu sofrimento pode ser considerado como uma forma de violência. Para Singer (1975) a pessoa extremamente agressiva é frequentemente uma pessoa de boas maneiras que sofre durante muito tempo e enterra seu ressentimento em controles rígidos, mas instáveis. Sob certas circunstâncias, pode explodir e liberar toda sua agressão num ato único, frequentemente desastroso. Depois, volta às suas defesas usuais, de super controle. Por isso, pode representar ameaça maior do que o tipo que os modelos agressivos são abundantes verbalmente agressivo e explosivo que libera sua agressão em pequenas doses.

Para Boock & colaboradores (1991), agressividade é um impulso destrutivo que pode voltar-se para fora (heteroagressão) ou para dentro do próprio indivíduo (auto-agressão). Mas, ela sempre constitui a vida psíquica enquanto fazendo parte do binômio amor/ ódio, pulsão de vida/ pulsão de morte.

Alguns teóricos acreditam que a agressão é um impulso humano instintivo que tem suas raízes na herança biológica da criança. Ao mesmo tempo, a agressão é um ato social fortemente influenciado por fatores familiares e culturais mais amplos, portanto, a interação entre processos biológicos determinam o desenvolvimento e a manifestação do comportamento agressivo.

A ausência de carinho, o abandono e a falta de amor provocam na criança desajustamentos e distúrbios dos mais graves. Os pais estão atentos para garantir, hoje e amanhã, conforto material a seus adorados filhos, no entanto, desleixam porque desconhecem que a maior riqueza é uma personalidade bem formada (Pavanello, 1984).

Entre as teorias psicológicas, salientam-se as de Freud e das escolas de psicanálise, bem como as de um método comportamentista popular e renovado. Os advogados do comportamento geralmente acentuam os aspectos mais específicos da agressão, preocupam-se exclusivamente com a verificação da força do hábito agressivo como uma resposta aprendida e muito específica (Singer, 1975).

É provável que nenhuma teoria isolada chegue jamais a explicar a grande diversidade de comportamentos humanos agressivos.

Segundo Singer (1975) é importante reconhecer que a agressão não é um conceito unitário, pois existem diferentes tipos de comportamento e cada um tem uma base fisiológica diferente.

Comportamento agressivo está ligado a estímulos. E como todos os outros comportamentos básicos é muito influenciado pela experiência.

De acordo com White (1990) entre a mente e o corpo há um relacionamento misterioso. Manter o corpo em estado sadio, a fim de que desenvolva a força, para cada uma das partes da máquina viva poder agir harmonicamente, deve ser o primeiro estudo de nossa vida. Negligenciar o corpo é negligenciar a mente. Tudo o que abate o vigor físico, enfraquece o vigor mental. Temperamento irritadiço, cérebro confuso e nervoso e nervos frouxos são parte dos resultados do desprezo das Leis da Natureza. Esta autora também diz que, há uma íntima relação entre o comer e o beber e o estado mental e o temperamento. Comer em excesso anuvia o cérebro. Pessoas que tem azia possuem, em geral, má disposição. Tudo parece ser-lhes contrário e eles são inclinados a tornarem-se mal-humorados e irritáveis.

A mente não se desgasta, nem tem colapso tantas vezes por causa de diligente emprego e árduo estudo, como por causa de alimentar-se de alimento impróprio, em ocasiões impróprias, e devido a descuido e desatenção às leis da saúde. A condescendência com o apetite é uma das causas das dissensões, lutas, discórdias e muitos outros males. Pronunciam-se palavras impacientes e atos descaridosos se praticam, seguem-se costumes desonestos e manifesta-se paixão - tudo porque os nervos do cérebro estão enfermiços pelo abuso do estômago abarrotado. Ainda afirma que, nós somos compostos daquilo que comemos e comer muita carne diminui a atividade intelectual e o açúcar não é bom para o estômago porque produz fermentação, o que embota o cérebro e deixa a disposição irritadiça. Caso o organismo esteja perturbado por comida imprópria, o cérebro e os nervos são afetados e pequenas coisas incomodam. O estômago dispéptico leva sempre à irritabilidade. O estômago ácido leva a um temperamento azedo. À mente reage o homem todo. Todas as nossas ações, quer sejam boas ou más, originam-se na mente, e os nervos são os mensageiros que transmitem suas ordens a cada parte do corpo, dirigindo os movimentos do mecanismo vivo.

Para Singer (1975) nosso modelo fisiológico de comportamento agressivo indica que os sistemas neurológicos para comportamento agressivo são sensibilizados por fatores químicos na corrente sanguínea e que estes são fundamentais. Uma compreensão da influência da endocrinologia e da química do sangue na agressão deve levar à uma terapia racional para certos tipos de hostilidade do homem.

Já foi bem documentada a importância de andrógenos na corrente sanguínea para a agressão, qualquer manipulação da química do sangue que tenha como resultado uma redução do nível de andrógenos deve elevar o limiar para essas tendências agressivas.

Para Moraes (1995) educar é intervir em vidas, assim como ensinar o é. E essa intervenção, em vidas humanas, é uma coisa que se faz com convite, e não pela invasão. A autoridade é construída e precisa ser aceita; ela não faz os educandos

inferiores, imprimindo, ao contrário, às suas vidas um sentido mais seguro de caminhada e conquista.

Gusdorf (apud Morais,1995) afirma que é preciso respeitar a liberdade das crianças, sem submetê-las a nenhuma forma repressiva. Já, para Morais (1995), as coisas que mais infernizam crianças e adolescentes é terem de viver e atuar em um espaço anônimo. A insuficiência de normas claras instala-lhes o caos no cotidiano. Coisa perfeitamente constatável é o fato de que os educandos amam e admiram as pessoas firmes - o que nem de longe significa autoritárias. No entanto, nutrem claro menosprezo pelos pusilânimes e os fracos.

Por que nossa civilização se faz tão violenta? Ainda é possível admitir que alguém possa pretender ser sadio numa sociedade tão enferma? Que violências se escondem na própria ação educativa? Fala-se constantemente em diálogo, mas nosso meio parece ter imensas dificuldades em dialogar. Por quê?

Origem do comportamento agressivo

Sabe-se que o sentimento ou impulso agressivo é um estado interno, impulso este que nem sempre é expresso de maneira clara, o que dificulta a sua observação.

Marcuse (apud Barros,1988) supõe que a agressão seja determinada pela repressão de desejos, baseado na Teoria da Agressão de Freud. Esta teoria defende a hipótese de que a frustração- agressão surge pela repressão dos desejos sexuais.

Percebe-se a criança que se envolve em comportamentos hostis, intrusivos, destrutivos, como uma criança que possui sentimentos profundos de ira, rejeição, insegurança e ansiedade, sentimentos de mágoa e, muitas vezes, um senso de identidade difuso e uma opinião muito pobre a respeito do seu eu que lhe é conhecido. É incapaz de expressar ao que está ou não disposta, ou ainda tem medo de manifestar seus sentimentos pois se o fizer poderá perder a força que reúne para se envolver nos comportamentos agressivos. Tal criança sente a necessidade de fazer o que faz como seu método de sobrevivência.

Pais e professores geralmente partem do pressuposto de que um distúrbio na criança provém de uma fonte interna específica, que algo definido dentro dela faz com que ela haja desta forma. A criança é incapaz de comunicar seus verdadeiros sentimentos de forma diferente daquela que está utilizando. É como se estivesse fazendo a única coisa que sabe, no sentido de prosseguir na batalha de viver neste modo.

Collete (apud Zagury,1995) diz que a agressividade infantil inicialmente é oral. A criança morde, cospe, vomita e bufa, no decorrer do primeiro ano de vida. Quando nasce geme, grita, berra, resmunga. Com a linguagem, aparece a agressividade verbal, sob formas muito diretas e muito grosseiras. As reações físicas

diretas também ocupam posições importantes nos primeiros anos da infância e irão diminuindo, a seguir, na maior parte dos indivíduos: dar golpe, quebrar, unhar, rasgar, etc... À medida que a criança avança em idade, as reações orais tendem a serem mais controladas.

Na escola, o que ocorre normalmente são brigas sem importância e sem maiores conseqüências, que duram apenas segundos. O motivo quase sempre é a disputa por brinquedos.

Em casa, quando há vários irmãos, a razão da agressão é na maioria das vezes a mesma, pode ser uma reação a desejos não atendidos ou reflexo natural do ciúme não consciente que sente com a chegada de um irmão mais novo.

Para Jordão (apud Zagury, 1995), a agressividade faz parte do processo de socialização. Por isso, os pequenos conflitos são normais.

Segundo Zagury (1995) o processo de socialização, implementado paralelamente pela família e a escola, tem como uma das premissas básicas exatamente o controle do instinto agressivo, a agressividade infantil é conseqüência de uma convergência de fatores em que o meio é de fundamental importância. Dentre estes fatores, a autora chama a atenção para o papel da TV, que juntamente com o da família e da escola, assume grande importância na formação dos futuros cidadãos. Ela acredita que a TV tem um poder de convencimento muito grande e deve assumir a responsabilidade pelo que produz.

Há um excesso de filmes e seriados na TV e isso sem dúvida influencia o comportamento das crianças, podendo as tornarem insensibilizadas, achando que a matança que veem na tela é normal. Muitas vezes a violência surge sem a menor necessidade.

Os especialistas concordam que a faixa etária que vai de zero a três anos é decisiva na formação da personalidade. E é exatamente nela que a agressividade se desenvolve. E há um aspecto positivo nisto que não deve ser ignorado: na medida certa, a agressividade é um instinto fundamental na superação dos obstáculos de toda ordem que vão surgindo ao longo da vida. Por outro lado, se for excessiva, deve ser canalizada pelos pais e educadores para jogos saudáveis, para que não se torne mal trabalhada e traga conseqüências mais sérias. De forma geral, os especialistas não acham que eventuais explosões de raiva devam ser vistas como um comportamento problemático. Mas alertam os pais que fiquem atentos se a agressividade da criança, ao invés de funcionar como uma catarse, a está deixando ainda mais agressiva e ansiosa. Nestas horas, segundo eles, é sempre bom tentar separar a agressividade dos próprios pais, que costumam projetá-la nos filhos. Os principais ingredientes nesta difícil tarefa é buscar o diálogo e dar limites. A questão dos limites tem muito a ver com a agressividade. Crianças que não têm limites tendem a se tornarem agressivas quando estes lhe são impostos. Numa relação entre pais e

filhos, há sempre uma luta pelo poder. Se a criança encontra espaço para exercitar sua agressividade, ela utiliza este espaço.

Analisando a questão sob outra ótica, das crianças vítimas da agressividade de outras crianças, a preocupação dos pais é igualmente grande. Ou talvez maior, visto que a maioria deles, apesar dos percalços, prefere ter em casa um galinho de briga do que um saco de pancadas.

Um dos grandes medos dos pais é que os filhos se tornem saco de pancadas da turma. O difícil é mostrar onde acaba o se defender e onde começa o atacar (Zagury, 1995).

Fatores que influenciam na agressão

De acordo com Bee (1984) um dos antecedentes mais comuns das explosões agressivas das crianças de todas as idades é algum tipo de frustração. Há fatores como a dor que também podem levar à agressão. Mas, a despeito destas exceções, parece que a criança nasce com um dispositivo natural de ligação entre a frustração e algum tipo de agressão. Também há boas evidências, de situações experimentais, de que a mera observação de alguém comportando-se agressivamente e sendo recompensado por isso, aumenta a probabilidade do observador vir a assumir, também, um comportamento agressivo. Em estudos de situações familiares reais, um dado consistente é que as crianças que são rejeitadas podem se mostrar altamente agressivas. As crianças mais agressivas podem também ser aquelas oriundas de lares extremamente permissivos ou altamente punitivos em relação à agressão, mesmo em se tratando de famílias menos rejeitadoras.

Mussen (apud Bee, 1984) também se manifestam a este respeito, entendendo que as experiências sociais da criança estão relacionadas com a agressão, quando a forma e o grau desta agressão dependerem de fatores como: a intensidade de sua motivação hostil, o grau de frustração ambiental ao qual está sujeita, os reforços recebidos por comportamento agressivo, sua observação e imitação de modelos agressivos e o nível de ansiedade e culpa associado à expressão da agressividade.

Embora não haja acordo geral quanto a uma definição de frustração, a maioria dos investigadores e teóricos concordam que eventos frustradores são os que bloqueiam o comportamento de buscar atingir os objetivos, ameaçam a auto-estima do indivíduo ou privam-no da oportunidade de gratificar algum motivo forte. As fontes de frustração podem ser: obstáculos externamente impostos que impeçam ou adiem a consecução de algum objetivo importante. Considera-se um evento como frustrador somente se a criança sentir-se perturbada ou perplexa e se ela acreditar que alguma força exterior ou pessoa foi a fonte de sua frustração.

Se a criança não considerar um dado ambiental como especificamente permissivo, é pouco provável que manifeste abertamente a agressão. A criança se controla quando não existe uma figura adulta disponível para lhe dizer o que fazer, mas abdica desse controle assim que um adulto estiver presente, comportando-se do modo que ele pensa ser esperado pelo adulto.

É provável, que a exposição à um modelo ou modelos agressivos alicie a imitação da agressão pelas crianças. A frustração e o reforço direto não são condições antecedentes necessárias para a ocorrência de respostas agressivas.

A punição por agressão deveria, de acordo com os princípios da aprendizagem, levar à inibição da agressão manifesta. Entretanto, nem sempre em situações práticas esse dado é observado.

Em estudos realizados por Mussen (1980) foi observado que os pais controlam muitas das experiências de frustração e gratificação da criança. Segundo este autor, se a agressão é punida em casa, o medo e a ansiedade devem associar-se as respostas hostis e, deste modo, a criança deve inibir essas respostas em casa e, por generalização, em muitas outras situações não domésticas. A manipulação inconsistente da agressão da criança pode também estimular a expressão agressiva. As mães que permitem a agressão em certas ocasiões e punem em outras, possivelmente terão filhos bastante agressivos.

Investigadores, segundo Bee (1984), analisaram a incidência de atos violentos nos programas matinais e infantis exibidas na TV, aos sábados. Eles perceberam que cerca de dois terços de todos os programas humorísticos incluíam violência numa frequência de quatro ou cinco vezes por programa. Mas, se uma criança realmente desempenhará ou não o comportamento agressivo que acabou de aprender, dependerá de uma variedade de fatores, incluindo sua própria história de reforçamento pela agressão e a permissividade da atmosfera na qual ela vê o programa ou relembra a agressão, uma criança pode não mostrar um aumento da agressividade, após assistir desenhos animados, onde apareçam cenas de violência, enquanto que uma outra criança, em outra família, pode exibí-lo. Mas, em ambos os casos, as novas respostas agressivas estarão disponíveis para serem praticadas quando aparecem condições suficientemente permissivas ou encorajadoras. Também, para esta autora, a agressão entre crianças parece ser inicialmente uma resposta à frustração. Mas a forma e quantidade de agressão mudam com a idade. O pico de agressão física é perto dos quatro anos, e a agressão verbal aumenta depois disso. As crianças que são reforçadas pela agressividade mostram mais agressão com os companheiros. As que assistem a muitos programas violentos na TV mostram um aumento de agressão e são mais inclinadas a aprovarem a agressão como uma técnica de resolver problemas.

Os meios de comunicação transmitem o que faz notícias. E essa é feita de

crimes hediondos. A impressão deixada diariamente pela mídia é de que uma incontível onda de violência agita o mundo, sem que nada se possa fazer. Os meios de comunicação de massa, como formadores de opinião, são agentes educacionais ou, pelo menos, precisam sê-lo. Pelo que se tem visto, atualmente, eles têm sido fatores de “deseducação” (Morais,1995).

Para Arendt (1994) os homens podem ser manipulados por meio da coersão física, da fatura ou da fome e suas opiniões podem formar-se arbitrariamente em função da informação deliberada e organizadamente falsa, mas não através de “persuasores ocultos”, tais como a televisão, propaganda ou quaisquer outros meios psicológicos, em uma sociedade livre. Mas, Hander (apud Strayer,1993), nos adverte de que nosso processo de raciocínio não pode nos livrar dos filmes corruptores porque as imagens passam através dele. Elas entram em nosso cérebro e são guardadas, lá, permanentemente. Imaginação e realidade são combinadas e perderemos o controle sobre nossas imagens, perderemos o controle sobre a nossa mente.

Strayer (1993) diz que qualquer pessoa inteligente deveria ser capaz de controlar a televisão, mas parece que, depois de algum tempo, ela controla a pessoa. A TV amortece o julgamento dos pais, disse Carcich (apud Strayer,1993), sua violência, tolices e ilusões fazem-nos mais tolerantes com a imoralidade, desobediência e desonestidade: “Se você não pode controlá-la, seria melhor desfazer-se dela”.

Para os teóricos que consideram o ser humano como produto da estimulação ambiental, a agressividade não é inata, e portanto os indivíduos podem ser moldados para se tornarem pacíficos e amorosos (Barros,1988). Este autor cita estudos conduzidos com delinquentes, que indicaram que o comportamento agressivo predomina nos ambientes em que os modelos agressivos são abundantes e a agressividade é uma qualidade valorizada, sejam esses modelos favorecidos pela pessoa do pai, por outros ou pelos companheiros. Para os psicólogos ambientais, a agressão é determinada pelas normas do grupo e pelas frustrações da vida diária.

Psicólogos sociais, educadores e autoridades governamentais têm manifestado interesse pela seguinte questão: a violência apresentada em filmes e na televisão tende a aumentar os atos agressivos dos espectadores?

Conforme Biaggio (apud Barros, 1988) as crianças aprendem não só o que lhes é dito que devem fazer, mas principalmente o que vêem ser feito por outras pessoas.

Segundo Lira (1995) a televisão de longe desponta como o mais importante meio de disseminação de princípios, seus programas promovem o questionamento e destruição das instituições (como o casamento e a família), dos valores morais, éticos e religiosos. De acordo com a revista *Veja*, citado por Lira, nove em cada dez brasileiros têm a televisão como principal fonte de diversão. Ele ainda diz que, a

televisão se tornou o principal meio de manipulação das massas populares e de de scaracterização dos valores da cultura cristã.

Para Morais (1995) a pior violência do mundo contemporâneo está na impressão que temos de que a vida humana perdeu o valor. É com certa passividade que assistimos as reportagens que mostram aviões e trens acidentados, ou apresentam um maníaco que violentou e matou. Acostumamo-nos a não reter sentimento prolongadamente, quando muito uma expressão de espanto e outra de solidariedade. Mounier (apud Morais, 1995) diz que nosso modo de ser, bem como nossos atos, são “necessariamente aspirados pelos outros”. Portanto, não é absurdo examinar as conseqüências psicológicas, para adultos e crianças, desta observação freqüente de atos de violência, levados para dentro de casa pela tela da TV.

As formas de agressão que encontramos na idade pré-escolar, de certo modo, são as mesmas que verificamos na idade escolar. A diferença essencial é que a criança agora tem maior capacidade de comunicação dos seus sentimentos, e, portanto, é muito mais fácil saber quando seu comportamento é, de fato, agressivo.

A agressão entre crianças varia desde as brigas que surgem no curso geral da atividade quando duas delas querem usar o mesmo brinquedo ou ocupar o mesmo espaço, ou quando acidentalmente se chocam, até os atos que contém evidente intenção de ferir.

Entre as circunstâncias que provocam lutas e brigas, contam-se o desejo de possuir alguma coisa, intromissões de um companheiro indesejável, o desejo de mandar nos outros e a discordância sobre o que deveria ser feito e sobre como fazê-lo. Os conflitos surgem, às vezes, de um ataque aparentemente não provocado, de uma criança contra outra. Todo uma corrente de sentimentos se introduz em tais agressões, incluindo o ciúme, a má vontade proveniente de uma ocasião passada, o desejo de irritar ou o ressentimento provocado por outros e agora transferido para uma vítima mais próxima.

Hurlock (1972) determina algumas causas comuns para o comportamento agressivo: frustrações (por objetivos não atingidos) que predispõe a criança a atacar uma criança ou objeto que está ao seu alcance, rejeições parentais, desejo de ganhar atenção, intenção de exibir superioridade, necessidade de auto-proteção, ciúme, inveja, identificação com as pessoas agressivas, atitudes permissivas e reforçadoras da agressão por parte dos pais ou outras pessoas, tensões emocionais familiares.

O controle da agressão e da violência

Um grande problema de desenvolvimento para a criança é o controle do comportamento agressivo. Ela deve aprender a inibir a sua cólera, a discriminar

entre situações nas quais comporta-se agressivamente, se é apropriado ou não apropriado, e a ajustar suas respostas agressivas ao grau de frustração ou provocação ao qual ela possa estar submetida.

Jersild (1981) considera as “atitudes dos adultos ante a agressividade das crianças, em relação à sua própria agressividade”. Quando a criança luta (ou se acovarda), tem probabilidade de despertar os profundos sentimentos que têm os adultos em relação à sua própria agressividade. A reação dos adultos à agressividade das crianças vai desde uma atitude de certa tolerância, até a política decidida e até mesmo ansiosa, de exigir que a criança contenha ou pelo menos, oculte a agressividade aos olhos do público.

Conforme Singer (1975) num estudo sobre os conflitos entre crianças, Debus definiu a agressividade como “a manifestação dirigida do sentimento hostil”. Para completar essa definição, o pesquisador adotou outra, empregada num mesmo estudo sobre as lutas e rixas das crianças, realizado por este autor e Markey, como sendo um ato de agressão um fato ocorrido em qualquer situação na qual uma criança “ataca outra; quando, por palavras e atos, interfere no qual está fazendo, ou ameaça intervir, com palavras e gestos; ou quando tenta, pela força ou por meio de exigências verbais, dirigir as atividades de outra criança ou possuir as coisas dessa criança, em oposição aos desejos aparentes da criança contra a qual é feita a agressão”. Há várias dificuldades para tratar indivíduos agressivos e anti-sociais. Uma delas é sua hostilidade, seu negativismo e sua rejeição de aproximação.

É citado também, por Singer (1975) que alguns psicólogos estudaram fatores de estímulo no laboratório, enquanto pesquisadores de várias disciplinas investigaram fatores de estímulos. A frustração, o desespero e a falta de perspectivas podem formar uma mistura agressiva explosiva, em grande parte mantida inerte por um sistema de regras sociais, que corporificam o controle. Nos últimos anos, tem-se reconhecido cada vez mais até que ponto a família conforma as personalidades das crianças, bem como a complexidade dessa modelagem. A importância do ambiente familiar na gênese da patologia de comportamento está bem documentada. Os resultados dessas pesquisas sugerem que a identificação inicial de uma intervenção em famílias onde os pais vivem em estado perpétuo de participação sádica e ódio pode ter conseqüências preventivas importantes para a saúde mental dos filhos.

Singer (1975) ainda afirma que se desejamos compreender as origens da violência e da agressão, precisamos estudar a unidade da família básica, pois há provas indiscutíveis de que a violência é problema de família. Para ele, os adolescentes anti-sociais agressivos não tem controles interiores, são impulsivos e facilmente frustrados, não têm habilidades ou competências, nem oportunidades para conseguir objetivos socialmente aceitáveis e, muitas vezes, não tem tais objetivos. São hostis e

desconfiados dos outros, e facilmente reagem ao comportamento destes como instigação para a agressão.

Abelin (1980) diz que o adolescente não é capaz de formular juízos categóricos sobre pessoas e acontecimentos, decide sem consultar e defende pontos de vista. Não aceita opiniões impositivas e procura por todos os meios impor-se. As discussões e revoltas nesta idade são necessárias ao sadio desenvolvimento da personalidade. A polêmica, desde que não degenera para o campo das ofensas ou ataques pessoais, é salutar ao jovem. É um meio de afirmar-se. São características do adolescente o negativismo e a instabilidade emocional. Há quase sempre uma atitude de não aceitação do mundo, esse comportamento se exterioriza pela irritabilidade, má vontade e por vezes violência. Palavras de aceitação e encorajamento podem diminuir sua ansiedade. Por outro lado, críticas por parte dos adultos, ocasionam no adolescente sentimentos e até complexo de inferioridade ou frustrações, que podem perturbar sua sadia formação.

Como o sistema de agressão sensibilizado é ativado por frustração, deve ser possível, pelo menos em parte, reduzir o comportamento agressivo através de mudança no ambiente a fim de reduzir privação ou frustração excessiva.

No âmbito escolar, o recreio tem sido um dos raros momentos de livre contato entre alunos, e que conforme Evans (1989) o que a criança possa nele vir a fazer, depende da influência de muitos fatores. Suzanne (apud Valença, 1988) vê a proibição em algumas instituições no uso de bolas, cordas, etc., deixa as crianças de mãos vazias, chegando a transformarem a hora do recreio em verdadeiros campos de batalha.

Passos metodológicos

Partindo deste referencial teórico e da experiência que se tem em escolas, buscou-se neste trabalho conhecer os comportamentos agressivos presentes na escola, assim como suas possíveis causas, para que se possa vir encontrar estratégias que levem à redução da vitimização, contribuindo assim para a minimização do problema, possibilitando ser a escola um local de melhoramento das relações interpessoais de diferentes grupos de alunos.

Como objetivos secundários foram resgatadas as formas, freqüências e locais de ocorrência do comportamento agressivo; as relações de idade/sexo dos agressores/agredidos; as interferências de colegas e professores nos atos agressivos; ao acompanhamento dos pais e professores na ocorrência dos atos agressivos, e o comportamento pessoal dos alunos durante a ocorrência de agressões.

Para tal, aplicou-se um questionário de 17 questões, dividido em quatro blocos (adaptado de Olweus, 1989), à 715 alunos, 357 do sexo feminino e 358 do

masculino, regularmente matriculados nas séries do I Grau, 328 de 1ª a 4ª série (159 meninas e 169 meninos) e 387 de 5ª a 8ª série (199 meninas e 188 meninos) em quatro escolas: duas na cidade de Santa Maria (uma de periferia e outra no centro) e as outras duas situadas em cidades próximas, Agudo e Silveira Martins. Todas as escolas pertencem à rede pública de ensino, do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Não houve aleatoriedade na seleção da amostra, responderam ao questionário os alunos que encontravam-se em aula, nas diferentes escolas, no dia em que a equipe de pesquisadores coletou os dados. Foram adotados diferentes procedimentos de aplicação do questionário, conforme as séries de ensino. De 1ª a 4ª série, o questionário foi aplicado estando toda a equipe na sala de aula, sendo lido o questionário, questão por questão, enquanto os componentes da equipe se deslocavam pela sala, auxiliando os alunos a marcarem suas respostas. Da 5ª a 8ª série, os integrantes da equipe se dirigiam sozinhos para as salas, ficando a disposição dos alunos para dúvidas que pudessem surgir.

Resultados

Os dados foram tratados em termos de percentuais, sendo analisados quanto ao nº total de alunos das quatro escolas (715 alunos); quanto ao nº total de alunos de 1ª a 4ª séries das quatro escolas separadas por sexo (159 F e 169 M) e quanto ao nº total de alunos de 5ª a 8ª séries das quatro escolas separadas por sexo (199 F e 188 M).

Acredita-se ser prudente salientar que em algumas tabelas o percentual ultrapassa a 100% devido ao fato das crianças marcarem mais de uma resposta e outras não chegaram a 100% devido a ausência de respostas, já que foi considerado como unidade o número de alunos questionados, para cada objetivo.

Debus & Markey (apud Singer, 1975) definem um ato de agressão como um fato ocorrido em qualquer situação na qual uma criança ataca outra, quando, por palavras e atos, interfere no que ela está fazendo, ou ameaça interferir, com palavras e com gestos; ou quando tenta, pela força ou por meio de exigências verbais; dirigir as atividades de outra criança ou possuir as coisas dessa criança.

Tabela 1 - tipos de agressões sofridas - %

	Total (715 alunos)	1ª a 4ª série		5ª a 8ª série	
		F	M	F	M
Chamar nomes feios	34	37	48	33	24
Falar mal	22	21	25	30	15
Bater, chutar	15	14	29	4	16
Tirar coisas	15	18	26	9	14
Meter medo	11	11	17	6	14
Não conversaram contigo	8	15	11	9	03
Nunca foi agredido	32	30	23	38	38

Ao nos determos na Tabela 1 verifica-se que quanto ao tipo de agressão sofrida para o total da amostra (715 alunos), 34% responderam que a forma de agressão mais sofrida é ser chamado por nomes feios, seguida de falarem mal uns dos outros, independente da fase escolar.

Verifica-se que as crianças de 1ª a 4ª série agrediram mais de forma física do que as de 5ª a 8ª série, sendo que estas agredem mais de forma verbal. A agressão verbal está presente (de forma considerável) de 1ª a 4ª séries e os meninos agredem mais do que as meninas. Isto pode se justificar pelo fato de alguns alunos serem repetentes e/ou terem faixa etária mais alta. Esta constatação está de acordo com Hartup (apud Barros, 1988) que diz que as crianças maiores usam cada vez mais as palavras para ferir as outras.

É importante salientar que muito menos crianças de 5ª a 8ª série (independente do sexo) nunca foram agredidas, quando comparados aos de 1ª a 4ª séries.

Tabela 2.- Locais de Agressão - Percentual

	Total (715 alunos)	1ª a 4ª série		5ª a 8ª série	
		F	M	F	M
Recreios	31	29	49	21	28
Sala de aula	28	28	32	29	26
Corredores/ escadas	0,8	0,7	10	0,8	11
Refeitórios	0,2	0,2	0,5	0,5	0,5
Nunca foi agredido	33	33	21	39	40

A Tabela 2 mostra que os locais onde mais ocorrem atos agressivos, para a totalidade da amostra (715 alunos), são o recreio e a sala de aula, sendo que os valores obtidos são 31% e 28% respectivamente. Principalmente os meninos de 1ª a 4ª série (49%), revelaram que o lugar onde ocorre maior agressão é no recreio.

Segundo Mello (apud Valença, 1988) o motivo das crianças fazerem do recreio um verdadeiro campo de batalha, é o fato delas estarem de mãos vazias, ou seja, não terem o que fazer, que de acordo com Evans (1989) o que a criança pode fazer nos recreios escolares, pode variar segundo a influência de muitos fatores, tais como: idade, número de crianças, espaço disponível, envolvimento de supervisores, etc...

O ambiente da sala de aula propicia uma maior interação entre os alunos, o que poderá aumentar o índice de manifestações agressivas, se os professores não tiverem um controle da turma.

Tabela 3- características do agressores-Verifica-se na tabela 3 que dos 715 alunos interrogados, 38% disseram que os agressores são da mesma turma, sendo muitos deles mais velhos.

	Total (715 alunos)	1ª a 4ª série		5ª a 8ª série	
		F	M	F	M
Da mesma turma	38	42	39	38	34
Mais velhos	27	22	41	15	32
Da mesma série, mas de outra turma	13	13	24	10	12
Mais novos	0,8	13	10	0,8	0,5
Nunca foi agredido	33	34	21	38	39

Tabela 4 - sexo dos agressores - Percentual

	Total (715 alunos)	1ª a 4ª série		5ª a 8ª série	
		F	M	F	M
Vários meninos	13	0,6	39	38	34
Meninos/ meninas	13	19	41	15	32
Uma menina	12	20	24	10	12
Várias meninas	0,8	0,9	10	0,8	0,5
Não sofrem agressões	32	30	21	38	39

Conforme a Tabela 4 as crianças são mais agredidas por colegas da mesma turma (Tabela 3) e do mesmo sexo (Tabela 4).

Um dado interessante nesta Tabela é o de meninas de 1ª a 4ª série agredirem meninos desta fase do ensino (24%).

Aqui nos fica a dúvida se estas crianças mais velhas seriam algumas da mesma turma, possivelmente repetentes.

Segundo Jordão (apud Zagury, 1995) a agressividade faz parte do processo de socialização, o que justifica o porquê das crianças serem mais agredidas por colegas da mesma turma. Zagury (1995) diz que a agressividade infantil é consequência de vários fatores em que o meio é de fundamental importância. Para Mussen (1980) se a criança não considerar um dado ambiente como especificamente permissivo, é pouco provável que manifeste abertamente a agressão. A criança se controla quando não existe uma figura adulta disponível para lhe dizer o que fazer, mas abdica deste controle, assim que um adulto estiver presente, comportando-se do modo como ela pensa ser esperado pelo outro.

Tabela 5. Frequência de agressões sofridas na última semana - %

	Total (715 alunos)	1ª a 4ª série		5ª a 8ª série	
		F	M	F	M
Nenhuma vez	64	57	58	72	70
Uma vez	16	16	21	16	13
Duas vezes	0,7	11	0,8	0,6	0,6
Três vezes	0,7	14	10	0,4	0,8

Na análise dos dados da Tabela 5, sobre a quantidade de agressões sofridas na última semana, em primeiro lugar nos chama atenção o fato de 64% das crianças não sofrerem nenhuma agressão, no decorrer da semana. Mas, ao refletirmos sobre as agressões sofridas, este percentual assume outra conotação, quando as incidências vem distribuídas nos demais indicadores notando-se um alto índice de agressões ocorridas durante uma semana, com uma frequência de uma, duas e/ou três vezes, o que nos leva a ver que este índice de não terem sofrido agressões não é assim tão representativo da realidade. Provavelmente isso pode ser pelo fato da criança agredir e não sofrer nenhuma consequência desagradável. Conforme Skinner (apud Barros, 1988) a forma e a frequência do comportamento agressivo, dependem das consequências positivas ou negativas. Quanto mais sucesso a criança obter numa conduta agressiva, maior é a probabilidade do aparecimento do comportamento agressivo futuramente.

Tabela 6. interferência dos professores (tentar impedir agressões) %

	Total (715 alunos)	1ª a 4ª série		5ª a 8ª série	
		F	M	F	M
Não sabe	31	35	31	29	30
Muitas vezes	25	30	30	22	17
Às vezes	23	18	23	31	21
Quase nunca	18	14	13	14	31

Tabela - 7 - Interferência do Professor (falar com o agressor) %

	Total (715 alunos)	1ª a 4ª série		5ª a 8ª série	
		F	M	F	M
Falou	20	18	39	0,3	21
Não soube	15	15	14	19	14
Não Falou	13	0,8	0,9	11	22
Não agrediu	51	58	43	64	37

Verificamos que quando os professores ficam sabendo, eles normalmente interferem, tentando impedir os atos agressivos (Tabela 6) e que a maioria conversa com os agressores (Tabela 7).

Sendo que 51% indicam que o professor não falou com eles, pois eles não são agressores.

Jersild (1981) diz que os professores interferem em cerca de um terço dos conflitos entre crianças, para interromperem ou resolverem as disputas.

Tabela 8 - Acompanhamento dos pais (quanto a agressão sofrida) %

	Total (715 alunos)	1ª a 4ª série		5ª a 8ª série	
		F	M	F	M
Não foi maltratado	34	31	24	37	41
Não contou	32	18	35	32	42
Contou	30	50	35	26	12

Conforme a Tabela 8 as crianças de 1ª a 4ª série, costumam contar aos pais sobre as agressões que foram alvo na escola. Constatamos que são os meninos que menos comunicam aos pais terem sofrido atos agressivos. Isto provavelmente ocorra porque os meninos na adolescência tornam-se independentes fazendo com que, muitas vezes, afastam-se da família, deixando assim, de comunicar as coisas que se passam com ele. Para Singer (1975) os adolescentes são impulsivos e facilmente frustrados, não têm habilidades ou competências, nem oportunidades para conseguir objetivos socialmente aceitáveis e, muitas vezes, não tem tais objetivos. São hostis e desconfiados dos outros, e facilmente reagem ao comportamento destes como instigação para a agressão.

Tabela 9. Interferência da família (quanto à agressão causada) %

	Total (715 alunos)	1ª a 4ª série		5ª a 8ª série	
		F	M	F	M
Sim falou	19	20	24	12	21
Não contou	15	12	15	14	18
Não falaram	12	0,7	13	10	19
Não agride	46	53	43	59	36

Na Tabela 9 verifica-se que uma parte das crianças que agredem (19%) comunicam aos pais, sendo que os meninos são os que mais o fazem. E, considerando-se que é equilibrado o número de crianças que não agredem e que agredem (somando-se os três outros indicadores), vê-se que eles contam em casa quando são agredidos (Tabela 8) e não quando agredem, possivelmente por terem consciência do ato que cometeram e temerem alguma punição. Outra comparação que se pode fazer entre os dados destas duas tabelas, 8 e 9, é de que menos agredem do que são agredidos. Então, quem é que agride?

Tabela 10. Interferência de colegas (durante uma agressão) - %

	Total (715 alunos)	1ª a 4ª série		5ª a 8ª série	
		F	M	F	M
Ninguém defende	19	20	24	12	21
Um ou dois defende	15	12	15	14	18
Três ou mais defendem	12	0,7	13	10	19
Não sofrem agressões	46	53	43	59	36

Tabela 11 - comportamento pessoal (ao assistir uma agressão) - %

	Total (715 alunos)	1ª a 4ª série		5ª a 8ª série	
		F	M	F	M
Ajuda de alguma maneira	60	51	58	64	65
Nada, mas poderia	22	23	22	28	16
Nada, não é comigo	15	21	16	0,7	16

Os dados da Tabela 10 nos mostram que tanto os meninos quanto as meninas interferem nos atos agressivos para defenderem os colegas. Quando perguntamos aos alunos da nossa amostra se ajudavam os colegas (Tabela 11) também encontramos

a mesma solidariedade.

E dentre os que não interferem, a maior parte acredita que poderia ajudar, apesar de não fazê-lo. Estes resultados eram esperados, pois o aspecto “grupo” é muito importante, tanto para a criança como para o adolescente, assumindo muitas vezes um lugar de destaque, de importância maior do que a própria família.

Segundo Zagury (1995) o processo de socialização, implementado paralelamente pela família e a escola, tem como uma das premissas básicas, exatamente o controle do instinto agressivo.

Para Book e colaboradores (1991), a agressividade é um impulso destrutivo que tem suas raízes na herança biológica da criança. Ao mesmo tempo, a agressão é um ato social fortemente influenciado por fatores familiares e culturais mais amplos. Portanto, a interação entre processos biológicos e sociais determinam o desenvolvimento e a manifestação do comportamento agressivo. Pikunas (1981) diz que os pais, professores, companheiros e outros agentes socializadores, influenciam o desenvolvimento de comportamentos (agressivos e não-agressivos) através de recompensas, que dispensam e, mais diretamente, através dos padrões de comportamento que servem de modelo à criança. Elas adquirem grande parte do seu repertório de comportamento, imitações de outras pessoas, assim como por instrução direta, modelagem e reforço.

Tabela 12 - Agressão sofrida (individual ou coletiva) - %

	Total (715 alunos)	1ª a 4ª série		5ª a 8ª série	
		F	M	F	M
Um colega maltratou	24	29	27	23	19
Dois ou três maltrataram	21	18	24	21	20
Quatro ou mais maltrataram	10	18	16	0,5	0,5
Nenhum	42	32	29	47	53

Tabela 13 - Quantidade de agressores na turma (que agredem outros colegas) - %

	Total (715 alunos)	1ª a 4ª série		5ª a 8ª série	
		F	M	F	M
Quatro ou mais	25	25	29	25	21
Dois ou três maltrataram	22	12	32	20	25
Um colega	19	24	18	18	18
Nenhum	31	37	26	33	34

Nota-se nas Tabelas 12 e 13 que um elevado número de crianças e adolescentes se reúnem para agredir outro colega.

Conforme Mussen (1980), o indivíduo adquire características de comportamento coerente com os valores e padrões de seu grupo, e o comportamento é influenciado por fatores situacionais. Segundo Barros (1988) o adolescente tem uma necessidade intensa de pertencer a um grupo social.

Tabela 14 - Frequência de formação de grupos agressores na semana - %

	Total (715 alunos)	1ª a 4ª série		5ª a 8ª série	
		F	M	F	M
Uma vez	12	14	20	0,8	10
Dois vezes	0,4	0,3	0,4	0,1	0,6
Três vezes	0,2	0,1	0,6	0	0,3
Nunca se reúne	78	80	68	90	72

Tabela 15 - Unir-se ao grupo para agredir - %

	Total (715 alunos)	1ª a 4ª série		5ª a 8ª série	
		F	M	F	M
Só se irrita muito	33	33	35	35	30
Não sabe	0,6	0,9	0,8	0,6	0,3
Sim	0,5	0,9	0,8	0,1	0,5
Não se junta	53	51	47	58	58

A freqüência que a agressão ocorre por parte de um grupo, não é considerável em todas as séries, em ambos os sexos. Mas, o motivo para isso acontecer é sentir-se provocado (irritado) pelo colega (Tabela 15). Mesmo com esta ocorrência vê-se que eles não resistem a virem agredir, inclusive as meninas que estão na idade de formarem grupo, gastando o tempo conversando, trocando confidências.

Bandura (apud Barros,1988) comenta que durante interações sociais, uma criança pode modificar seu comportamento, como resultado do modo como as outras crianças do grupo estão reagindo.

Barros (1988) também indica que o comportamento agressivo predomina nos ambientes em que os modelos agressivos são abundantes e a agressividade é uma qualidade valorizada, sejam esses modelos fornecidos pela pessoa do pai, por outros adultos ou pelos companheiros. Conforme Biaggio (apud Barros,1988) as crianças aprendem não só o que lhes é dito que devem fazer, mas principalmente o que vêem ser feito por outras crianças ou adultos.

Pikunas (1981) revela que no desenvolvimento da criança, esta passa por vários processos de socialização onde é submetida a fatores socialmente determinadas por um grupo, capazes de influenciar na sua conduta dentro deste grupo, habilitando-a para tornar-se um ser social. Estes processos de socialização normalmente possuem uma tendência à uniformidade de comportamentos entre os membros de uma mesma sociedade, podendo gerar falhas e distorções na socialização. E o resultado disso é o aparecimento de uma pessoa pouco adaptada à sociedade que vive.

Conforme Feshbach (apud Carmichael,1978) os comportamentos agressivos podem ser prontamente observados nas interações sociais das crianças.

CONCLUSÃO

Ao chegarmos ao final deste trabalho, constata-se que os tipos de agressão mais frequentes em escolares referem-se a chamar nomes feios. De 1ª a 4ª série é transmitida de forma física e a medida que a criança cresce, torna-se mais frequente a agressão verbal.

Os locais onde mais ocorrem as agressões são nos recreios e na sala de aula, e os maiores agressores são colegas da mesma turma, mais velhos e do mesmo sexo, sendo que os meninos agredem mais do que as meninas.

Verificou-se um elevado número de agressões ocorridas durante uma semana, sendo que estas ocorrem mais de forma coletiva, ou seja, ocorre a formação de grupos para agredir. O que está de acordo com a revisão de literatura estudada (Rubin & Pepler, 1989).

Tanto os professores como colegas interferem nos atos agressivos ocorridos na escola. E a maioria das crianças contam para os pais o que acontece na escola, mais quando são agredidos, do que quando agredem.

Segundo Mussen (apud Bee, 1984) as experiências sociais da criança estão relacionadas com a agressão quando a forma e o grau desta agressão dependerem de fatores como: a intensidade de sua motivação hostil, o grau de frustração ambiental ao qual está sujeita, os reforços recebidos por comportamento agressivo, sua observação e imitação de modelos agressivos e o nível de ansiedade e culpa associado a expressão da agressão.

Sabendo-se que a agressão existe no ambiente escolar, não podemos deixar de interferir quando ela ocorrer. Precisamos tomar medidas e encontrar estratégias de reduzir a vitimização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABELIN, L. T. A. **A Orientação Educacional e a Problemática da Adolescência.** Revista Educação. C. E./ UFSM. Vol. 5, N° 3, R.S. 1980.
- ARENDRT, H. **Sobre a violência,** Relume Dumará. R.J. 1994.
- BARROS, C. **Pontos de Psicologia do Desenvolvimento Humano.** Editora Ática. 3ª edição. S.P. 1988.
- BEE, H. **A Criança em Desenvolvimento.** Ed. Harbra. 3ª edição. S.P. 1984.
- BOOK & Colaboradores. **Psicologias: Uma Introdução ao Estudo da Psicologia.** Editora Saraiva. S.P. 1991.
- CARMICHAEL, L. **Psicologia da Criança.** E.P.V./ EDUSP. Vols 8 e 9. S.P. 1978.
- EVANS, J. **Children at Play. Life in the school playground.** Deaking University.

- 1989.
- HURLOCK, E.B. **Child Development**. Mc. Grawl - Hill. New York. 1972.
- JERSILD, A. T. **Psicologia da Criança**. Ed. Itatiaia. Belo Horizonte. 1981.
- LIRA, E. C. **Radiografia da nova Era**. Next Art. S. P. 1995.
- MORAIS, R. **Violência e Educação**. Editora Papyrus. Campinas. S.P. 1995.
- MUSSEN, P. H. **O Desenvolvimento Psicológico da Criança**. Zahar Editores, Rio de Janeiro. 1980
- RUBIN, R. & PEPLER, D. (Eds.). **The Development and Treatment of Childhood Agresion**. Hillsdale, N. J. Erlbaum. 1989.
- PAVANELLO, I. **A Afetividade no Processo da Educação**. Monografia. U.F.S.M. 1984.
- PIKUNAS, J. **Desenvolvimento Humano**. Mc Graw - Hill. S.P. 1981.
- SHARPS, S & SMITH, K. **Bullyng in U.K. Scool: The DES Sheffield bullyng project**. Early Child Development and Care. Vol. 77. 1991.
- SINGER, R. L. **O Controle da Agressão e da Violência**. Edusp. S.P. 1975.
- STRAYER, B. E. **Os Adventistas e os Filmes: Um século de mudanças**. Diálogo Universitário. Vol 5. N^o 1. Copyright da Caupa. E.U.A. 1993.
- VALENÇA, V. L. **A Violência na Escola: Da Palmatória à Violência Suave**. Revista Perspectiva. Ano 5. N^o 10. Editora da U.F.S.C. JAN/ JUN. 1988.
- WHITE, E.G. **Mente, Caráter e Personalidade**. Vol.2 Ed.CASA. S.P. 1990.
- ZAGURY, T. **Agressividade Infantil**. Revista Diálogo Médico. S.P. JAN/

